

VENI CREATOR

REVISTA TEOLÓGICA DA
RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL
A.02 - N.03 - JANEIRO/JUNHO 2013

ISSN 2238-0140



RCCBRASIL

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL

VENI CREATOR
Revista Teológica

a. 02 – n. 03 – janeiro/junho 2013
Pelotas/RS

ISSN 2238-0140

VENI CREATOR – REVISTA TEOLÓGICA

Uma publicação da Renovação Carismática Católica do Brasil.

Diretor: Marcos Volcan

Diretor de redação: José Rogerio Soares dos Santos

Conselho Editorial:

Evandro Gussi (Doutor em Direito Constitucional pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco-SP)

José Rogerio Soares dos Santos (Mestrando em Teologia PUC-SP)

Lúcia Inês Ugoski Volcan Zolin (Mestra em Teologia PUC-RS/Bacharel em Jornalismo UCPEL-RS)

Luiz Carlos Nunes de Santana (Mestre em Educação UNISANTOS-SP/Bacharel em Teologia CLARENTIANOS-SP)

Marcos Volcan (Mestre em Ciências UFPEL-RS/Mestre em Teologia PUC-RS)

Reinaldo Beserra dos Reis (Pedagogo PUC-Campinas)

Sérgio Carlos Zavaris (Doutor em Educação pela Universidad Del Mar, Viña del Mar, Chile)

Colaboraram nesta edição:

Francisco Elvis Rodrigues Oliveira, José Rogério Soares dos Santos, Felipe Ferreira Nery, João Paulo Veloso,
Pe. Marcus Mareano

Tradução para o inglês dos abstracts: Maria Beatriz Spier Vargas

Revisão: Mari Bortolato Spessato

Organização: Marcia Dalva Macjinski
(Instituto de Educação a Distância: IEAD RCCBRASIL)

Editora: RCCBRASIL – Associação Leão XIII

Periodicidade: semestral

ISSN 2238-0140

Redação e Administração:

Escritório Administrativo da Renovação Carismática Católica do Brasil
Diretor Administrativo - Márcio Zolin

Contato com a Redação:

E-mail: revistavenicreator@rccbrasil.org.br

Telefone: (53) 3227 - 0710

Atendimento ao assinante: (53) 3227 - 0710

Projeto Gráfico: Priscila Lages Gomes Faria Carvalho

EDITORIAL

1º Semestre 2013

Estamos no *Ano da Fé!* A Porta da Fé, “que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós”, recorda o Papa Bento XVI, logo no início de sua Carta Apostólica *Porta Fidei*. É preciso, entretanto, estar consciente de que “atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira” (PF, 1).

A consciência de que entramos por um caminho longo e que deverá durar “a vida inteira” é o motivo pelo qual não podemos esmorecer na busca *pela verdade* presente nas contínuas experiências que vivemos da presença de Deus. As experiências vivenciadas no interior de nossos corações, de modo subjetivo, devem fundamentar-se na solidez da Verdade que não engana e nem se deixa enganar: Deus. Não podemos definir qualquer realidade sentida no interior de nossos corações como sendo legitimamente cristã se ela não estiver alicerçada na Revelação. Não obstante, é preciso que a interpretação da Palavra Revelada não se dê segundo a presunção de nossas intenções. Além de ser lida e interpretada no mesmo Espírito com que foi escrita, para entender corretamente o sentido dos textos sagrados não se pode desprezar o conteúdo e a unidade de toda a Escritura, nem deixar de levar em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé, como ensina o Concílio Vaticano II (*Dei Verbum*, 12).

Movidos por esta consciência, estamos chegando ao nosso terceiro número da Revista Veni Creator. Queremos percorrer, numa sincera busca pela Verdade, o caminho honesto da reflexão teológica, na humildade e sob os limites de quem sabe ter ainda um longo caminho pela frente (Cf. 1Rs 19,7), alguns assuntos pertinentes ao caminho que temos trilhado na Igreja através da Renovação Carismática Católica.

Abrimos esta edição com o artigo sobre o “Batismo no Espírito Santo: perspectivas do uso do termo e experiência na práxis católica”, do professor e filósofo Francisco Elvis Rodrigues Oliveira. O autor faz uma análise dos primeiros

resultados do Colóquio Internacional sobre o Batismo no Espírito Santo, promovido pelo *International Catholic Charismatic Renewal Services* (ICCRS) e realizado em Roma no ano de 2011. Além de analisar as ideias principais contidas no documento produzido pelo ICCRS, o artigo também procura apresentar as relações da experiência vivida no Espírito segundo os relatos do Novo Testamento e as experiências carismáticas da Era Patrística, além de tocar na problemática atual da interpretação do batismo no Espírito Santo como “segunda conversão”.

Dentro da perspectiva do Ano da Fé e buscando oferecer uma base para as reflexões que serão feitas no âmbito da RCC com o lema “Esta é a vitória que vence o mundo” (1Jo 5,4) no ano de 2013, o segundo artigo procura apresentar uma significativa base bíblica para a compreensão dos temas “fé” e “mundo”, sobretudo a partir de uma perspectiva joanina. Seguindo o método analítico tradicional em linguagem teológico-conceitual, o artigo discute em sua primeira parte a questão da relação do cristão e o mundo; e, na sequência, a inter-relação proposta por Bento XVI entre o conteúdo e o ato de fé no contexto cristão.

Felippe Ferreira Nery, advogado e servidor público federal, graduado em Direito pela Universidade Federal do Acre e presidente da União dos Juristas Católicos do Acre (UJUCAC), escreveu o artigo “Sobre a retirada dos crucifixos dos órgãos públicos”, em que procura discutir o princípio da laicidade do Estado vigente no país. O artigo tem como objetivo estudar os conceitos de laicidade e laicismo, sob o prisma da Constituição e legislação vigente, sua interpretação pelos doutrinadores do Direito e o que a Igreja Católica pensa a respeito. O autor também aborda alguns conceitos da antropologia aplicáveis à situação para, ao final, analisar os principais argumentos contrários e favoráveis a tal prática e responder se a retirada da cruz e de outros símbolos religiosos dos espaços públicos é uma ação permitida ou não pelo ordenamento jurídico nacional.

João Paulo Veloso, bacharel em Teologia e Comunicação Social, no artigo sobre “A virtude da castidade a partir da ‘teologia do corpo’ de João Paulo II”, reflete sobre a esponsalidade do corpo, sacramento do divino e fonte de acesso ao louvor de Deus. Segundo a análise do autor, a esponsalidade traduz-se na aquisição e vivência da virtude da castidade, que foi ressignificada, englobando não só a genitalidade, mas também a afetividade, a sexualidade, a amizade e a maturidade humana, configurando-se como a virtude que integra todas as dimensões do ser humano.

Enfim, o artigo “O discurso *Gaudet Mater Ecclesia*: uma ótica para a interpretação do Concílio Vaticano II”, do padre Marcus Mareano, professor de Eclesiologia e Teologia Fundamental na Faculdade Católica de Fortaleza, reflete, com base no discurso proferido por João XXIII na ocasião da abertura solene do Concílio, sobre aspectos relevantes que não podem ser ignorados quando se busca uma adequada interpretação do Concílio Vaticano II. Por estarmos a exatos cinquenta anos do Concílio, e enquanto a Igreja nos convida a retornarmos a essa tão fecunda fonte, vemos nesse artigo algumas vias para uma melhor percepção dos objetivos e pretensas reformas desejadas pelos padres conciliares.

Esperamos que os esforços de tantas proposições aqui oferecidas, sem pretensões catequéticas ou conclusivas, possam estimular o aprofundamento de temas tão relevantes para aqueles que adentraram a *Porta da Fé*.

José Rogério Soares dos Santos

Coordenador Grupo de Reflexão Teológico-pastoral (GRTP)

Artigos Científicos
Original Articles

BATISMO NO ESPÍRITO SANTO: PERSPECTIVAS DO USO DO TERMO E EXPERIÊNCIA NA PRÁXIS CATÓLICA <i>Baptism in the Holy Spirit: perspectives of the use of the term and experience in Catholic Praxis</i> Francisco Elvis Rodrigues Oliveira.....	11
ESTA É A VITÓRIA QUE VENCE O MUNDO: A NOSSA FÉ <i>This is the Victory that has overcome the world: our Faith</i> José Rogério Soares dos Santos.....	21
SOBRE A RETIRADA DOS CRUCIFIXOS DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS <i>The removal of crucifixes from Public Agencies</i> Felippe Ferreira Nery.....	33
A VIRTUDE DA CASTIDADE A PARTIR DA “TEOLOGIA DO CORPO” DE JOÃO PAULO II <i>The Virtue of Chastity from the Theology of the Body by John Paul II</i> João Paulo Veloso.....	49
O DISCURSO GAUDET MATER ECCLESIA <i>The speech Gaudet Mater Ecclesia</i> Marcus Mareano.....	61

Batismo no Espírito Santo: perspectivas do uso do termo e experiência na Práxis Católica

Uma análise do Colóquio sobre o Batismo no Espírito Santo

Francisco Elvis Rodrigues Oliveira*

Resumo: Este artigo pretende analisar os primeiros resultados do Colóquio Internacional sobre o batismo no Espírito Santo, promovido pelo ICCRS e realizado em Roma no ano de 2011. Para tanto, estudaremos, além das ideias contidas no documento produzido pelo Colóquio, também as fontes que lhes serviram de base, a saber, o primoroso trabalho dos sacerdotes Pe. Kilian McDonnell, OSB e Pe. George T. Montague, SM, intitulado “Iniciação cristã e batismo no Espírito Santo”. Neste trabalho associamos a experiência do batismo no Espírito não apenas com os relatos do Novo Testamento (mais propriamente o livro dos Atos), mas demonstramos que esta experiência carismática pode ser encontrada abundantemente na era Patrística. Abordaremos o problema desta experiência comparando-a com o início do cristianismo e a época atual, pois para os primeiros cristãos, a experiência do batismo no Espírito Santo era o acontecimento total da iniciação cristã (batismo, crisma, eucaristia), parte constitutiva de sua vivência cristã. O problema surge quando, em nossa condição epocal, passou-se a interpretar o batismo no Espírito Santo como uma espécie de “segunda conversão”, ou seja, um novo ponto de partida na vida [já] cristã da pessoa.

Palavras-chave: Religião; Catolicismo; Patrística; Renovação Carismática; Batismo no Espírito Santo.

Abstract: This article aims to analyze the first results of the International Colloquium on Baptism in the Holy Spirit, sponsored by ICCRS and held in Rome in 2011. To this end, we study, in addition to the ideas contained in the document produced by the Colloquium, the sources of which served basis, namely the exquisite work of priests Fr. Kilian McDonnell, OSB and Fr. George T. Montague, SM, entitled “Christian Initiation and Baptism in the Holy Spirit” In this work we associate the experience of Baptism in the Spirit not only with the stories of the New Testament (more specifically the book of Acts), but we show that this charismatic experience can be found abundantly in the Patristic era. We will discuss the problem of this experiment comparing it to the beginnings of Christianity and the present time, because for the first Christians, the experience of the Baptism in the Holy Spirit was the event’s total Christian Initiation (Baptism, Confirmation, Eucharist), a constituent part of their experience Christian. The problem arises when, in our epochal condition, started to play the Baptism in the Holy Spirit as a kind of “second conversion”, like a new starting point in life [now] Christian person.

Key words: Religion; Catholicism; Patristics; Charismatic Renewal; Baptism in the Holy Spirit.

INTRODUÇÃO

No ano de 2011, entre os dias 17 e 20 de março, ocorreu em Roma o Colóquio Internacional sobre o Batismo no Espírito Santo. O evento foi

promovido pelo Serviço Internacional da Renovação Carismática Católica (ICCRS) e com o apoio do Pontifício Conselho para os Leigos, sob a presidência do

* Graduado em filosofia pela UECE, com MBA em Gestão empresarial e pós-graduando em Administração escolar; professor e palestrante; atualmente coordena o Ministério de Fé e Política da Arquidiocese de Fortaleza e o de Pregação do Estado Ceará.

Cardeal Dom Stanislaw Rylko. A presença de um órgão oficial da Igreja – como este dicastério – é de capital importância para as reflexões ora desenvolvidas no Simpósio e na formulação do documento final, pois significa um grande avanço no diálogo entre o movimento e certos ambientes eclesiais que, outrora, por razões desnecessárias aqui serem tratadas, rejeitaram essa possibilidade de discussão.

Na ocasião, reuniram-se cerca de 150 líderes convidados das mais variadas expressões da Renovação Carismática Católica no mundo: bispos, padres, teólogos e leigos de 44 países estiveram presentes no encontro. Tal evento marcaria os 45 anos da RCC nos Estados Unidos e serviria como preparação para o jubileu dos seus 50 anos em 2017.

Dentre os convidados e conferencistas no Colóquio, destacam-se as presenças de Michele Moran (presidente do ICCRS), Prof. Matteo Calisi (presidente da Catholic Fraternity), Frei Raniero Cantalamessa (pregador da Casa Pontifícia), Ralph Martin (escritor e presidente do Renewal Ministries), Pe. Fidel Oñoro, CJM (diretor da CEBIPAL-CELAM), Profa. Dra. Mary Healy (presidente da Comissão Doutrinal do ICCRS) e Dom Stanislaw Rylko (presidente do Pontifício Conselho para os Leigos).

Após o Colóquio, uma série de revisões dos textos produzidos começou a ser realizada até poder ser publicado o documento final intitulado “BAPTISM IN THE HOLY SPIRIT”, sob o acompanhamento da Comissão doutrinal do ICCRS. O documento ainda não tem sua versão em português, visto sua publicação ser recente (abril/2012), mas gostaríamos de apresentar suas primeiras conclusões e impressões ao leitor brasileiro.

Essencialmente, podemos dizer que o documento não traz nenhuma “novidade” em termos de conteúdo, no sentido estrito da palavra (*novum*), como que superando ou corrigindo conceituações, terminologias ou práticas anteriores, mas sua importância está, justamente, em reafirmar o que outros momentos de

reflexão semelhantes e demais escritos já afirmavam ao tratar a questão do batismo no Espírito Santo.

No entanto, o documento pós-coloquial, embora reafirme que a experiência do batismo no Espírito Santo é o coração da Renovação Carismática, não se atém apenas ao evento de Duquesne¹, que deu origem à esta corrente de graça, mas extrapola a realidade histórica e busca fundamentos para essa que é a experiência central do movimento também em elementos da Patrística, na reflexão teológica e, evidentemente, na fundamentação bíblica. Portanto, a Renovação Carismática e o batismo no Espírito estão para além de 1967, quando aqueles jovens reuniram-se para orar e redescobriram os carismas, mas defendemos que tal experiência pode mesmo ser considerada como parte constitutiva da iniciação cristã.

Torna-se evidente que não propugnamos aqui uma exclusividade da experiência do batismo no Espírito por parte da RCC, mas, ao mesmo tempo, não negamos que a ela tem sido confiada a grave missão de revalorizar, difundir e revitalizar tal experiência na Igreja em nossa condição epocal.

É o que pretendemos demonstrar com este artigo. O próprio documento do ICCRS reitera e deixa clara esta ideia. Para tanto, o documento ainda resgata um trabalho muito detalhado feito pelos padres Kilian McDonnell² e George Montague³, chamado Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo⁴, o qual se percebe ser uma das principais fontes nas quais o Colóquio buscou fundamentação e se deixou iluminar.

Do uso do termo

Desde o início da Renovação Carismática, no ano de 1967, o evento-experiência que lhe deu origem tem sido chamado de *batismo no Espírito Santo*. Mas por que este termo e não outro tem sido empregado desde então? E por que ele tem causado tanta controvérsia? Essas discussões, como veremos, ultrapassam o campo da filologia, da semântica e da linguística.

Como se sabe, a RCC é uma das tantas graças geradas a partir do Concílio Vaticano II. Juntamente com as Novas Comunidades e Novos Movimentos Eclesiais, ela é uma “resposta providencial”⁵ para o mundo moderno que tem sido “com frequência dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus”⁶. Contudo, o forte impulso ecumênico que marcou o início da Renovação Carismática alimentou sua experiência fundante, donde adotou-se, também, o mesmo termo ora utilizado pelos Pentecostais, que por sua vez o havia adaptado com base nas Escrituras, visto que “embora o nome ‘batismo no Espírito’ não apareça na Escritura, ele é uma adaptação da frase verbal ‘batizar no Espírito Santo’, a qual ocorre seis vezes na Escritura”⁷

Para além da experiência ecumênica e influências pentecostais de origem protestante, a Renovação Carismática tem buscado, também no Magistério e na Tradição, o correto entendimento e uso tanto do termo como da própria experiência. E é este forte senso eclesial e sua práxis que faz a Renovação Carismática *ser* Católica.

No entanto, há muito se discute, sobretudo no Brasil, sobre o emprego e uso do termo *batismo no Espírito Santo*. Podemos ver essa preocupação de ordem pastoral ao lermos do famoso documento n.º 53 da CNBB a qual, a certa altura, recomenda: “Por isso será melhor evitar o uso da expressão ‘batismo no Espírito’”⁸, visto que o documento o considerara ambíguo, podendo sugerir uma espécie de segundo sacramento, o que entraria em confronto com o Magistério⁹. À continuação, o documento sugere uma mudança na terminologia e que se passe a utilizar outras expressões como *derramamento do Espírito* ou *efusão do Espírito Santo*¹⁰.

Parece que questões relacionadas ao vocabu-

lário sempre estiveram ligadas à Renovação Carismática. Veja, por exemplo, os vocábulos introduzidos, resgatados ou ressignificados que ela trouxe consigo: pastor, ovelha, carisma, comunidade, ministério, entre outros. A própria denominação de si mesma e seu papel na comunhão eclesial também passou pela questão da linguagem: *corrente de graça, movimento, pentecostalismo católico, renovação pentecostal, renovação cristã no Espírito Santo, renovação no Espírito* etc.

Quanto mais ela pensa sobre o uso de suas terminologias, tanto mais vai se formulando sua identidade eclesial. Portanto, mais do que uma questão de semântica, o cuidado com o uso dos termos por parte da RCC tem sido constitutivo de seu processo de amadurecimento e definição de seu papel na Igreja. Ocorre que, a despeito do documento 53 (publicado em 1994), no ano de 1974 (portanto, 20 anos antes), a RCC já se preocupava em estabelecer e esclarecer esses e outros aspectos. Para tanto, realizou-se em Malines, Bélgica, um encontro com uma equipe internacional de teólogos e dirigentes leigos para responder a algumas das perguntas que com frequência se faziam. O encontro deu origem aos famosos “documentos de Malines”, que tiveram como um dos teólogos consultados o então Cardeal Ratzinger, hoje Papa Bento XVI.

À época, se reconhecia a dificuldade que o termo “batismo no Espírito Santo” poderia suscitar, mas, ao mesmo tempo, procurou-se esclarecer, diferenciar e justificar seu uso. Diz o documento de Malines:

Quando se fala, na renovação católica, do batismo no Espírito Santo, geralmente se refere a essa experiência consciente que é o sentido experiencial. Este uso duplo é defensável, embora não resta dúvida que causa certa confusão. É verdade que não é fácil substituir esta expressão “batismo no Espírito Santo” por outra plenamente satisfatória¹¹.

⁵ Discurso do papa João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais em 30 de maio de 1998.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Cf. Doctrinal Commission ICCRS. *Baptism in the Holy Spirit*, p. 27. (em livre tradução). Na verdade, sem pretendermos corrigir o documento, mas valendo-nos de outras fontes, podemos indicar sete citações e não seis, a saber: Mt 3, 11; Lc 3,16; Mc 1,7-8; Jo 1,33; At 1,4-5, At 11,16 e uma referência feita por São Paulo em I Cor 12,13 (Cf. BRASIL, Pe. Ney. *Revista de Cultura Bíblica* (RCB), ano 38, vol XX n.37;38, pág 4, 1996 – São Paulo). À diferença das seis outras citações bíblicas, nesta passagem, diz-se que o tempo empregado por São Paulo encontra-se no que a teologia bíblica chama de *passivo teológico*, em que o sujeito do verbo não é expresso, mas fica subentendido que este seja Deus (sujeito elíptico). Este recurso foi muito empregado pelos antigos judeus como uma maneira de referir-se a Deus sem usar Seu nome.

⁸ CNBB. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, p. 26.

⁹ Cf. *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ SUENENS, Cardeal León (org). *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica*, p. 39. (Grifo meu).

¹ Mais conhecido como “fim de semana de Duquesne”. Trata-se de um retiro realizado por um grupo de jovens estudantes desta Universidade no ano de 1967, no qual estes se propuseram ler e meditar o livro dos Atos dos Apóstolos e rezar pedindo a mesma experiência que os apóstolos tiveram em Pentecostes. Tal acontecimento tornou-se conhecido como o marco inicial da Renovação Carismática na Igreja Católica.

² Sacerdote Beneditino, presidente do Instituto para Pesquisa Ecumênica e Cultural, membro do Diálogo Pentecostal/Católico Romano.

³ Sacerdote americano e fundador de uma comunidade religiosa chamada *The Brothers of the Beloved Disciple*. É autor de vários livros nas áreas bíblica e pastoral.

⁴ O livro foi escrito originalmente em 1991 e publicado no Brasil pelas Edições Louva-a-Deus, em 1995.

Ademais, buscou-se especificar a real e apropriada significação para o batismo no Espírito, ao que se entende que o mesmo tenha dois sentidos ou momentos. O primeiro é propriamente teológico e se refere ao sacramento da iniciação, este sendo único e indelével. Quando a RCC se utiliza desta terminologia, está ela valendo-se do segundo momento ou significado do termo, que é de ordem não teológica, mas experiencial e “se refere ao momento ou processo de crescimento pelo qual a presença ativa do Espírito, recebido na iniciação, se torna sensível à consciência pessoal”¹².

Para tanto, procurou-se encontrar termos que fossem substitutos adequados para esta experiência, o que não resultou êxito. Seja por não designarem devidamente o que se queria expressar, seja porque a designação simplesmente “não pegou”. Tanto que outros termos semelhantes foram também utilizados, tais como “libertação do Espírito” (alguns países de língua inglesa), “renovação no Espírito”, “efusão do Espírito” (França), “renovação da confirmação” (Alemanha) e “renovação dos sacramentos de iniciação”. Neste sentido, podemos dizer que o termo batismo no Espírito Santo se “consuetudinou” no seio das realidades carismáticas. Sobre isso, nos diz Stephen Clark, um dos pioneiros da Renovação no mundo e coordenador da Comunidade a Palavra de Deus: “Por várias razões históricas, essa foi a expressão escolhida para indicar a experiência do Espírito no início do Movimento Pentecostal em 1900”¹³.

No entanto, “sejam quais forem as decisões quanto à terminologia a ser usada em cada país, é importante que todos digam a mesma coisa, ou seja: que o poder do Espírito Santo – dado na iniciação cristã, não experimentado até agora – torna-se numa questão de experiência consciente e pessoal”¹⁴. Como podemos observar, não havia até aquele momento uma definição sobre a terminologia correta para a experiência, mas também não foi proibido o seu uso. O que se recomendava era

uma correta catequese quando a este ponto, o que se tem procurado realizar ao longo destes anos.

Católicos e pentecostais: diferenças e semelhanças

Uma das novidades que identificamos no documento deste Colóquio foi justa e [talvez], finalmente, uma maior clareza quanto à sua aplicação. Ele utiliza os termos “Efusão no Espírito Santo” e “batismo no Espírito Santo” como equivalentes enquanto fenômeno e experiência, mas os diferencia em relação à sua aplicação e abrangência. Assim, o termo “Efusão no Espírito Santo” ficou sendo utilizado para eventos de massa, como o de Pentecostes, descrito em Atos 2. Em contrapartida, o termo “batismo no Espírito Santo” pretende se referir àquela experiência individual.

Observo que esta diferenciação é mais notória nos países de língua inglesa, onde a palavra em inglês para o termo efusão (*effusion*) não encontra um equivalente que expresse a mesma ideia que se pretende com o termo *Baptism*, visto que este preserva a mesma linguagem utilizada por João Batista e Jesus quando se referiam à obra completa de redenção feita pelo Espírito Santo, a qual é ligada diretamente ao evento de Pentecostes. Ademais, “ela também expressa a particularidade que é experimentada na Renovação, enquanto ‘efusão’ se aplica de forma mais ampla a qualquer ação do Espírito na vida cristã”¹⁵. Portanto, podemos observar que a influência e permanência do termo possui mais um caráter idiomático do que propriamente teológico, pois em algumas realidades também se utilizam outras nomenclaturas. No entanto, o fato é que esta realidade é muito rica para ser descrita em um único termo¹⁶.

Outro ponto de relevância, não apenas no sentido de esclarecer o termo (*aclaratio terminorum*) semanticamente, mas naquilo que torna diferenciável a prática pelo pentecostalismo protestante e pelo – po-

demais dizer – pentecostalismo católico. Como a expressão batismo no Espírito Santo é utilizada, como vimos, em ambos os segmentos, tem-se tentado de múltiplas maneiras explicar e diferenciar uma da outra.

Podemos afirmar que, para a posição neopentecostal¹⁷, o batismo no Espírito Santo surge “como um segundo momento ou bênção”¹⁸ na vida do cristão, uma espécie de segunda conversão, como designou o fundador do metodismo John Wesley (1703-1791): “[...] sente uma mudança interior súbita, uma espécie de *batismo do Espírito* a que dá o nome de ‘conversão’”¹⁹. A mesma interpretação farão os adeptos do chamado movimento de santidade (*holiness movement*), surgido em 1876, nos Estados Unidos, onde os participantes “esperam a *bênção do Espírito* para obter a força com vistas ao testemunho num mundo tomado pelo racionalismo”²⁰. A partir dessas experiências e como um prolongamento surge o pentecostalismo em 1901, no Kansas, também Estados Unidos. Lá, o “batismo do Espírito renova nas assembleias os prodígios de Pentecostes: profetismo, êxtase, dom das línguas, curas”²¹.

Como se pode observar, há uma diferença pragmática entre a hermenêutica pentecostal protestante e a concepção católica do termo batismo no Espírito. Para os primeiros, a graça seria algo como “primeiro você é ‘salvo’, depois, ‘cheio’”²². Uma espécie de segundo passo na caminhada cristã. Por outro lado:

Os pentecostais ortodoxos (pentecostais protestantes) não inventaram o Batismo no Espírito. Mais exatamente, ele pertence à integridade da iniciação cristã testemunhada pelo Novo Testamento e pelos primeiros mestres pós-bíblicos da Igreja²³.

Uma autêntica teologia católica sobre o ba-

tismo no Espírito reconhece que este está ligado diretamente ao sacramento do batismo, sem que aquele se confunda com este e seja mesmo interpretado como uma sua atualização, “complemento ou renovação”²⁴, não no sentido de que falta ao sacramento ou que este seja incompleto, mas que este sacramento, recebido na infância, pode voltar a ser inflamado e irradiar seu poder espiritual. Sobre esta interpretação nos diz o pregador da Casa Pontifícia, o padre capuchinho, Frei Raniero Cantalamessa:

A teologia católica conhece a ideia de sacramento válido e lícito, mas “ligado”. Um sacramento se diz “ligado” se o seu fruto fica vinculado, não usufruído, por falta de certas condições que impedem sua eficácia. Um exemplo extremo é o sacramento do matrimônio ou o da ordem sacra recebidos em estado de pecado mortal. Nessas condições, tais sacramentos não podem trazer nenhum graça às pessoas; removido porém o obstáculo do pecado, com a penitência, diz-se que o sacramento revive (*reviviscit*) graças à fidelidade e à irrevogabilidade do dom de Deus²⁵.

No original italiano da obra acima citada, o autor utiliza o verbete *legato*²⁶, que pode ser entendido como “amarrado”, “atado”, “impedido” ou “vinculado”. Embora a opção pela tradução “ligado” possa causar confusões, a ideia permanece, qual seja, a de que o sacramento, uma vez retirado seus obstáculos, fica livre para produzir seus frutos. Como que um presente que ainda não foi desembulhado e guardado em uma gaveta. É preciso, pois, abrir a gaveta, desembulhar o presente e ver o que ele contém. Trata-se de uma antiga expressão latina *sacramenti legati*, para designar justamente que o sacramento permanece na vida do indivíduo batizado, mas sem operar porque a nossa liberdade humana não lhe dá espaço.

¹² *Ibidem*.

¹³ CLARK, Stephen B. *Batizados no Espírito Santo*, p. 49.

¹⁴ SUENENS, Cardeal León (org). *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica*, p. 42.

¹⁵ Doctrinal Commission ICCRS. *Baptism in the Holy Spirit*, p. 64. (em livre tradução).

¹⁶ Cf. *Ibidem*.

¹⁷ Mais propriamente do pentecostalismo clássico.

¹⁸ MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo*, p. XIV.

¹⁹ COMBY, Jean. *Para ler a história da igreja*, p. 88. (grifo meu).

²⁰ *Ibidem*, p. 182. (grifo meu).

²¹ *Ibidem*.

²² CLARK, Stephen B. *Batizados no Espírito Santo*, p. 61.

²³ MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Avivar a chama*, pp. 18-19.

²⁴ CANTALAMESSA, Frei Raniero. *A Ungidos pelo Espírito*, p. 142.

²⁵ CANTALAMESSA, Frei Raniero. *A poderosa unção do Espírito Santo*, p. 41 (a mesma ideia poder ser encontrada em CANTALAMESSA, Frei Raniero. *Ungidos pelo Espírito*, p. 141).

²⁶ Lê-se no original: *La teologia cattolica riconosce il concetto di un sacramento valido, ma “legato”. Un sacramento si dice legato se i frutti che dovrebbero accompagnarli rimangono chiusi, a causa di certi blocchi che prevengono la sua efficacia (...).*

De outro modo, mas com o mesmo teor diz-nos um dos módulos de formação básica da RCC:

O sacramento é dito ‘ligado’ quando ministrado validamente, mas seus frutos não são usufruídos por falta do implemento de alguma condição. O Sacramento, com esta característica, é uma graça em potencial, à espera de que a condição se realize²⁷.

Sabemos que tal discussão pode gerar divergências entre teólogos e pesquisadores, contudo, não deixamos a questão encerrada neste artigo. Visto que o presente texto não é suficiente para esgotar tal assunto, nem o espaço nos permite uma asserção mais elaborada, deixamos em aberta a discussão aos que desejarem seguir aprofundando esta temática.

Colocada a questão e extraído aquilo que nos interessa neste artigo, é neste sentido que se entende e se relaciona o batismo-sacramento com o batismo-efusão. Outrossim, “não podemos explicar o atual batismo no Espírito unicamente como um efeito retardado do nosso batismo sacramental. [...] Trata-se de um ‘novo Pentecostes’ [...] que se funda, como todo o resto, no batismo, mas que não acaba aí. Não faz referência à iniciação, mas também ao desenvolvimento e à perfeição da vida cristã”²⁸.

Fundamentos bíblicos e patrísticos: uma experiência normativa?

Mas nem sempre a experiência batismal foi “ligada”. Para os primeiros cristãos, o batismo no Espírito já era o acontecimento total da iniciação cristã. Isso significa dizer que ser batizado (sacramento) já estava implícita a sua consequência (no Espírito). Como reafirma o Colóquio e, por sua vez, reforçam Kilian McDonnell e George Montague, Frei Raniero Cantalamessa e, ainda, Stephen Clark em suas respectivas obras ora apresentadas, o dom do Espírito, incluindo os carismas e a experiência do que apresentamos aqui como batismo no Espírito Santo, não apenas já ocorria na primeira fase da era cristã como lhe era normativo.

Dito de outro modo, “a experiência do batismo no Espírito Santo é parte integrante da iniciação cristã. Assim, não faz parte da piedade privada, mas sim da liturgia pública. Se o batismo no Espírito Santo é parte integral daqueles sacramentos, então ele é normativo”²⁹.

Conforme o estudo das obras acima apresentadas, além da tradicional passagem de Atos 2 que nos narra o evento de Pentecostes e que tem sido principal base bíblica para o batismo no Espírito, também os Evangelhos nos fornecem as bases para fazer tal afirmação. É o caso de Mc 16,17-18:

Estes milagres acompanharão os que creem: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas, manusearão serpentes e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal; imporão as mãos aos enfermos e eles ficarão curados.

Nesse sentido, a manifestação carismática era esperada como efeito normal da iniciação, não se tratando, portanto, de uma categoria de “eleitos”, “iluminados” ou “santos”, ele é vivido como algo comum à vida ordinária do ser cristão. Este derramamento (*outpouring*) de poder implicava a continuação do ministério carismático de Cristo e também conferia o poder de segui-lo até a cruz.

Já em Lucas-Atos podemos ver a alusão que o evangelista faz ao fogo e o identifica com o batismo no Espírito. Lc 3,16: “Eu vos batizo na água, mas eis que vem outro mais poderoso do que eu, a quem não sou digno de lhe desatar a correia das sandálias; *ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo*” e At 2,3: “Apareceram-lhes então uma *espécie de línguas de fogo* que se repartiram e pousaram sobre cada um deles”. Para Lucas, o Pentecostes é o cumprimento pleno da profecia de João Batista. A iniciação cristã contempla o batismo e o dom do Espírito; sacramento e derramamento; instituição e carisma.

Em se tratando da comunidade primitiva, podemos ver pelos escritos de Justino Mártir, Orígenes, Dídimo, o cego, Cirilo de Jerusalém, Tertuliano, Hilário de Poitiers, Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo,

João de Apaméia, Filoxeno de Mabugo, Severo de Antioquia e José Hazaia (para citar alguns) que pelos seus testemunhos o batismo no Espírito era parte constitutiva da “liturgia oficial da vida pública da Igreja”³⁰, integrando a recepção dos sacramentos da iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia.

Para esses e outros autores, embora com algumas diferenciações, percebemos a comum afirmação de que o sacramento e derramamento do Espírito caminhavam juntos. A experiência de fé e o batismo administrado atuavam conjuntamente, em uma sincronia que implicava, ao mesmo tempo, “conversão e aceitação explícita de Jesus como Senhor”³¹.

Por exemplo, em Tertuliano (160-225) vemos a exortação para que os recém-batizados rezassem para receber [com o batismo] a “parte especial da herança, os carismas”³². Embora, com o tempo, o autor tenha caído na heresia montanista, seus escritos sobre o batismo – os quais contêm tais ideias – haviam sido escritos antes de sua apostasia, portanto, sem influências da heresia.

Para Orígenes (185-254), “o batismo é (est) em si o princípio e fonte dos divinos carismas”³³. Para ele, os carismas acompanhavam o próprio recebimento do Espírito. Santo Hilário de Poitiers (315-367) chega a afirmar que o batismo que Jesus dá é o batismo no Espírito Santo e os tesouros que o acompanham são os carismas³⁴. Estes não são meros ornamentos, mas ele recomenda que se “faça uso de dons tão generosos”³⁵. Filoxeno e José Hazaia também falam sobre os “mistérios do Espírito”, da “chama interior” e dos carismas (nesta relação, além dos dom das línguas, ele inclui o dom das lágrimas, alegria abundante e delícia dos sentidos espirituais)³⁶. Justino Mártir e Cirilo de Jerusalém também entendem a iniciação cristã como “batismo no Espírito Santo”³⁷.

No entanto, alguns fatores vieram a contri-

buir para o arrefecimento dos carismas quando do batismo na iniciação cristã, entre eles: a) a prática cada vez mais comum de batizar crianças, b) a supervalorização dos carismas por parte do montanismo, por destacar sobremaneira o aspecto carismático-profético, c) com isso, foram pouco a pouco desaparecendo da catequese e da prática da iniciação.

Conclusão

Para além de ser uma experiência recente na história da Igreja, muito menos algo originalmente protestante, procuramos demonstrar ao longo deste artigo que o batismo no Espírito Santo tem raiz católica, encontrando subsídios tanto nas Escrituras, que vão desde a clássica leitura do Pentecostes narrados nos Atos dos Apóstolos, passando pelos Evangelhos e outras leituras, como também encontra forte embasamento no período pós-bíblico, nos autores da Patrística. Evidente que o texto aqui apresentado não pretende esgotar ou encerrar peremptoriamente o assunto. Ao contrário, lança questões e deixa aberta às discussões e reflexões futuras que possam advir desta sua leitura.

A experiência do batismo já comporta em si mesma a abertura ao Espírito Santo e a recepção dos carismas. Ser cristão, portanto, significa tomar posse e fruir normalmente dos dons do Espírito, sem que isso cause estranheza aos demais ou se reduza a uma categoria de “santos” ou “escolhidos”. Ao contrário, é parte constitutiva e normativa (no sentido de normal) da vida cristã. Fazemos eco ao que escreveram McDonnell e Montague: “Acreditamos que o batismo no Espírito Santo faz parte da herança cristã de todos aqueles que tenham sido iniciados sacramentalmente, na igreja”³⁸.

Embora o batismo no Espírito “não per-

²⁷ RCC. Apostila 01, Módulo Básico: *A identidade da Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Ave Maria, 2001, p. [?].

²⁸ CANTALAMESSA, Frei Raniero. *Ungidos pelo Espírito*, p. 143 (Para uma leitura mais aprofundada sobre este assunto recomendamos a obra, do mesmo autor, *A poderosa unção do Espírito Santo*, pp. 47-49).

²⁹ MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo*, p. VIII.

³⁰ MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Avivar a chama*, p. 20.

³¹ CANTALAMESSA, Frei Raniero. *A Ungidos pelo Espírito*, p. 142.

³² MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo*, p. 131.

³³ *Ibidem*, p. 142.

³⁴ *Ibidem*, p. 162.

³⁵ POITIERS, Santo Hilário. *Sobre a Trindade*, 2, 35.

³⁶ MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo*, p. 344.

³⁷ Para o objetivo deste trabalho, basta esta citação sintética. Ao leitor que desejar aprofundar os estudos e referenciais da Patrística aqui citados, sugiro a bibliografia ao final do trabalho.

³⁸ *Ibidem*, p. 380.

tença à essência da iniciação cristã”³⁹ – evidente que alguém que não seja Batizado no Espírito e não tenha recebido os carismas não deixa de ser cristão por conta disso – “a iniciação tem carecido de uma propriedade que flui desta essência”⁴⁰, que desenvolva e eleve à perfeição cristã no florescimento da graça sacramental. Assim, não dizemos que existam “dois batismos”, mas o batismo-sacramento e o batismo-derramamento são dois momentos, dois aspectos de um único sacramento. Finalizamos com o texto conclusivo do Colóquio que diz: “O Batismo no Espírito Santo não é um substituto para os sacramentos, mas a fonte para reacender o fervor na celebração dos sacramentos”⁴¹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAY, Salvador Carrillo. *Renovação Carismática: Um Pentecostes hoje*. [1994]. Col. Caminhos do Espírito. Trad. port. Adilson Camilo Lima, São Paulo: Paulus, 1996.

CANTALAMESSA, Frei Raniero. *A poderosa união do Espírito Santo*. [1994]. Trad. port. Giorgia Locira, 2. ed. Campinas: Raboni, 1995.

_____. *A Ungidos pelo Espírito: Para levar a boa nova aos pobres*. [1993]. Trad. Port. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral, 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

CLARK, Stephen B. *Batizados no Espírito Santo*. [1969]. Col. O Novo Pentecostes, n.º 2. Trad. port. Margarida Oliva, São Paulo: Loyola, 1994.

CNBB. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. Col. Documentos da CNBB. N.º 53. São Paulo: Paulinas, 1994.

COMBY, Jean. *Para ler a história da igreja: do século XV ao século XX*. Tomo II. [1986]. Trad. Port. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral, São Paulo: Loyola, 1994.

Doctrinal Commission ICCRS. *Baptism in the Holy Spirit*. Vaticano: ICCRS, 2012.

MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George T. *Avivar a chama*. [1991]. Trad. port. Barbara Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo*. [1991]. Trad. port. Laureano Pelegrin, Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1995.

REIS, Reinaldo Beserra dos; COUTINHO, Tácito José A. (org). *Seminário sobre o Batismo no Espírito Santo*. Pelotas: RCC Brasil, 2008.

Renovação Carismática Católica. *Batismo no Espírito Santo*. Col. Paulo Apóstolo, n.º 2. Aparecida: Santuário, 1994.

RCC. Apostila 01, Módulo Básico: *A identidade da Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Ave Maria, 2001.

SUENENS, Cardeal León (org). *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica*. [1974]. Trad. port. Pe. Eduardo Dougherty, 3. ed. São Paulo: Loyola, 1979.

³⁹ Ibidem, p. 349.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Doctrinal Commission ICCRS. *Baptism in the Holy Spirit*, p. 97. (em livre tradução).